

**N**o momento em que dados estatísticos absurdamente altos de mortes e contágios e a inoperância na compra e distribuição de vacinas em âmbito nacional denunciam o fracasso do governo na condução de uma crise epidêmica cuja magnitude, na contracorrente mundial, ganha contornos cada vez mais sombrios, resta a nós, cidadãos, o consolo de saber que pelo menos algo na esfera pública caminha de mãos dadas com nossos anseios e demandas. Estou falando do Sistema Único de Saúde, o nosso SUS, o qual, a despeito de toda precariedade e sucateamento a que tem sido aviltado nos últimos anos, mostrou-se (e mostra-se) comprometido e eficiente no enfrentamento da pandemia do novo coronavírus.

Este dossiê “Saúde Pública”, porém, não trata apenas da pandemia. Se ela conseguiu de algum modo obnubilar os outros problemas da saúde no país, não teve o poder de erradicá-los. O câncer, a desnutrição e a obesidade continuam existindo. Assim também as dificuldades de acesso às condições de saúde de certa parte excluída da população. Tudo isso será discutido aqui. O dossiê foi todo ele concebido e elaborado dentro da Faculdade de Saúde Pública da USP, cujo diretor, o professor Oswaldo Yoshimi Tanaka, sensível ao nosso pedido, prontamente mobilizou todos os departamentos daquela faculdade. A ele, portanto, os nossos agradecimentos, bem como à professora Fabiola Zioni, que coordenou o dossiê, e ao jornalista Marcellus William Janes, que fez a ponte entre a **Revista USP** e a FSP.

Ainda pensando a saúde e suas imbricações políticas, na seção Livros, Muriel Emídio Pessoa do Amaral, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, comenta, entre outras coisas, o negacionismo bolsonarista exposto em *Um paciente chamado Brasil: os bastidores da luta contra o coronavírus*, coletânea de relatos publicada pelo ex-ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta.

E também, mas agora de forma visual, o artigo de Alecsandra Matias de Oliveira, em *Arte*, dialoga com artistas que de alguma maneira demonstraram em suas obras certo “fascínio pelos saberes do corpo humano” e assim puderam desvelar a “dimensão do humano” presente, por exemplo, na dor, na vida e na morte. A arte, como diz a autora, “pode não significar diretamente a cura para os males que se somam às doenças, crises sanitárias e pandemias, mas pode ser o alívio, o catártico e a conscientização”. E nós concordamos com ela.

**Jurandir Renovato**